



Portugal: O Pedinte da Europa

Publicado em 2025-07-17 13:19:57



"Não há vergonha maior do que viver de esmolas enquanto se canta hinos de glória."

— Fragmento do caos europeu

A cada nova publicação do Tribunal de Contas Europeu, a realidade escancara-se como um espelho cruel: **Portugal é o país da União Europeia que mais depende dos fundos de coesão para investir.**

De cada dez euros aplicados pelo Estado em obras, escolas, linhas férreas ou hospitais, **nove vêm de Bruxelas.**

Portugal tornou-se, não o "bom aluno da Europa", como gostam de proclamar os políticos em palanques, mas sim **o dependente**

crónico do orçamento alheio. Um país que **não investe** — implora; que **não constrói** — **espera ser financiado**.



O que dizem os números

Segundo o mais recente relatório do Tribunal de Contas Europeu, no ciclo 2014-2020:

- **90 % do investimento público** foi financiado por fundos europeus.
- A média da União Europeia é de apenas **14 %**.
- Nos países nórdicos, o valor não ultrapassa os **2 %**.

Portugal lidera este ranking **não com orgulho, mas com vergonha disfarçada de eficiência**.



De comboios a hospitais — tudo com verba de fora

O **Programa Ferrovia 2020**, a reabilitação de escolas, as unidades de cuidados continuados, a transição digital e até parte dos investimentos na saúde — **tudo depende de Bruxelas**.

Sem os fundos europeus, Portugal ficaria com um país estagnado, com linhas férreas de 1930, escolas por pintar e centros de saúde em ruína.



E quando o dinheiro acabar?

A questão não é "se".

A questão é "**quando**" a Europa se cansar de financiar

eternamente as mesmas regiões, os mesmos erros e os mesmos atrasos.

Porque a política de coesão não é infinita. Porque um dia os fundos acabarão — ou **virão com condicionalismos impossíveis**, que matarão qualquer autonomia orçamental.

Nesse dia, Portugal terá de olhar-se ao espelho e responder: **e agora, o que somos sem a esmola europeia?**

O perigo da ilusão

Vive-se a ilusão de que Portugal é “moderno e competitivo” porque tem ciclovias com painéis solares, comboios elétricos e aplicações digitais para tudo. Mas quem observa os bastidores, vê outra coisa:

- Um país **com mão-de-obra barata** e produtividade fraca;
 - Um Estado **hipertrofiado**, que consome tudo e produz pouco;
 - Uma economia com **pouco investimento privado e muito subsídio público**;
 - Um sistema político que se habituou a viver do “plano” — primeiro o **PRACE**, depois o **QREN**, agora o **PRR...** e logo virá o **Portugal 2030**.
-



Uma nova direção é possível?

Sim. Mas exige **coragem, visão estratégica e ruptura com a dependência**.

Exige um país que:

- Invista em **educação real**, e não só em “projetos formativos financiados”;
 - Crie **empresas de valor acrescentado** e não apenas de serviços subcontratados;
 - Estimule **inovação interna**, sem esperar sempre pelo milagre de Bruxelas;
 - Aprenda a **cortar no desperdício**, ao invés de pedir sempre mais.
-



Uma convocatória à lucidez

Portugal tem talento, tem sol, tem mar, tem gente trabalhadora e inventiva.

Mas vive de joelhos — perante a Europa e perante os seus próprios vícios.

É tempo de **romper a dependência** e construir um país que **não seja pedinte**, mas **parceiro digno**. Que não tema ficar sem os fundos — porque criou, finalmente, as suas próprias raízes de desenvolvimento.

"Portugal não precisa de esmola. Precisa de vergonha na cara."

— Voz de um povo cansado de ser eternamente 'emergente'

Artigo da autoria de Francisco Gonçalves

"Portugal tornou-se especialista em candidaturas, não em ideias. Obedece aos editais de Bruxelas, mas esquece os desígnios do país. É a nação do projeto financiado — e da ambição adiada."